

MOL
DU
RAS
LEO BARBOSA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B277p Barbosa, Leo. 1990–

Molduras / Leo Barbosa – Penalux: Guaratinguetá, 2019.

64 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-537-9

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

Índice sistemático:

1. Poesia brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

ENCENAÇÃO

Citadino sou, com coração rural
Ando pelos prados dos lados vãos
Feitos pelos efeitos dos que me são perto

Parturiado a cada segundo,
Sinto-me perdido primeiro.
Acho que não me acho
Meu amor é riacho e seca logo.

Estou à margem
de mim,
Quero ser pescado,
Quero
Ser
Pecado.

INCIDENTE

Num misto de dor e alegria
Minha'lma se evola
Para concluir que amor
É sobretudo
empatia.

Sobre tudo dizer
Para desexistir
E assumir outra moldura
Porque nada dura e dura é a
(des)feita.

Feito quem se resume
A um traço engraçado,
A um esboço
para um, impossível,
Retrato.

Tudo é (de)(com)posto em fatos.

SEDES

Quem me livrará de ser
esse pote cheio,
esse pote de escoreito mel
de desagravo fel
que transborda
sem saber o que é sede,
o que é sede,
e o que se cede
até se perder
doutro lado
da pista
achando que de si
despista.

Não saberei dar nome aos filhos
que nem ao certo os sei.
Uma angústia diária
para cada fragmento da armadura.

Amargura.
Há mar que cura.
Amar cura
Ou fenece?

Ir com muita sede ao pote
Me causará enjojo
Ou me trará mais sede?

Por enquanto, exalto-me aqui
no diário dos calafrios,
no fervor de um suor
Sem função.

DESEMBOCAR-ME

Tendo a vida pra'mar
Me reduzo a riacho
Acho que estou evaporando
A contragosto.

Atormenta
A tormenta
A dor tenta
A dor senta
A dor sinto
Absinto

Estou à margem
De mim mesmo
Estou a esmo.

Quando desemboco?

DERIVAÇÕES DO AMOR

As palavras se (des)cobrem no descontato.
Pelo excessivo “querer dizer”,
O silêncio se oferta.

Dentro dos desatados laços
Clamam abraços, suspiros,
Espasmos.

Quando não cabe ternura
Ter linguagem em todo
O corpo não é suficiente.

Tudo é supérfluo na tua ausência
– incolor, inodoro, insosso.

Que fronteira é essa
Que segrega o nosso amor?

A fome, o impulso,
A carícia e a carência
São mãos que se espremem
E caladas se entendem.

Toda noite sem ti
É um rio sem margem.
Sou eu à
Margem
De
Mim.

Este livro foi composto em Bembo Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em julho de 2019.
